



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**



Novos cruzos em um rolê epistemológico para experivenciar as encruzilhadas museológicas da Casa de "Culturas Populares" Zé Candunga.

Autor: Douglas Augusto Lima Santos

Orientador: Dr. Fernando José Ferreira Aguiar

Resumo: O presente artigo propõe analisar a relação existente entre o processo de musealização das Culturas Populares e os referenciais identitários dos Mestres e Mestras do município de Laranjeiras (SE), a partir da Casa do Folclore Zé Candunga, visando compreender, suas funções sociais, objetivos e a relação com os saberes e fazeres desses Mestres e Mestras locais, projetando para os públicos visitantes e a comunidade local, o pertencimento a essas manifestações culturais. A Casa Candunga surge num contexto em que se pensava numa ampliação da valorização cultural local, pelo processo de projeção inaugurada no ano de 2005, com o objetivo de criar um espaço museológico que dialogasse com a temática na cidade. A partir de um percurso metodológico pautado na análise documental, dialogando com conceitos dos Estudos Culturais e da Museologia Social estabelecermos um diagnóstico e uma sistematização racional da documentação acessada como parte integrante dos objetivos propostos visando compreender o papel da Casa no desenvolvimento folclórico, cultural e identitário da sua comunidade na perspectiva museológica.

Palavras-Chave: Casa do Folclore Zé Candunga; Musealização; Culturas Populares,

Abstract: This article proposes to analyze the relationship between the process of musealization of Popular Cultures and the identity references of the Mestres and Mestras of the city of Laranjeiras (SE), from the Casa do Folclore Zé Candunga, aiming to understand, their social functions, objectives and the relationship with the knowledge and practices of these Masters and the local Mistress, projecting to the visiting public and the local community a sense of being a primordial granary of this plural type of manifestations. Casa Candunga arises in a context in which an expansion of the local cultural valorization was thought, through the projection process inaugurated in 2005, with the objective of creating a museum space that would dialogue with the theme in the city. From a methodological path based on document analysis, dialoguing with concepts of Cultural Studies and Social Museology, we establish a diagnosis and a rational systematization of the documentation accessed as an integral part of the proposed objectives as a way of understanding the role of the House in folklore, cultural development and identity of its community in the museological perspective.

Keywords: House of Folklore Zé Candunga; Musealization; Popular Cultures,

1. Introdução

O primeiro contato que tive com a Casa do Folclore Zé Candunga, foi como estudante do curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) Campus Laranjeiras. Nesse primeiro momento essa experiência foi de apenas uma atividade turística sobre o Centro Histórico patrimonializado de Laranjeiras. Com isso, adentramos a Casa do Folclore para termos o conhecimento do seu funcionamento, como eram pensadas as exposições, se estas eram de longa duração ou não e também da relação daquela instituição com os Mestres e Mestras das Culturas Populares.

Assim, na minha trajetória acadêmica, a ideia de pesquisar a Casa de Folclore Zé Candunga, partiu de conversas e orientações ocorridas no componente curricular TCC 1, que levou a questionar qual seria a sua função social, reflexões de que forma ela desenvolve suas ações a partir do seu projeto expográficos, bem como, sua relação com a comunidade e o entorno. Além disso, por eu ter participado do projeto de extensão “Culturas Populares: Reconhecimento dos saberes tradicionais e seus respectivos mestres e mestras em Sergipe”¹, fui estabelecendo relações e laços afetivos com as Culturas Populares, laços esses que foram ampliados e fortalecidos através da minha participação como ouvinte do Simpósio e o Encontro Cultural de Laranjeiras.

A partir de então passei a vivenciar as manifestações populares realizadas na cidade, a exemplo da encenação popular dos Lambes Sujos e Caboclinhos, as manifestações do Ciclo Junino e algumas apresentações da Dança de São Gonçalo e o Samba de Pareia da Mussuca quando essas se apresentavam no Campus Lar. Diante dessas minhas vivências culturais, considerando as minhas relações dialógicas com os Mestres e Mestras, busquei compreender na contemporaneidade as relações estabelecidas entre memória, saberes, fazeres, cantares, dançares populares com o que apresenta a Casa de Folclore Zé Candunga.

¹ **PJ273-2019 - Culturas Populares: Reconhecimento dos saberes tradicionais e seus respectivos mestres e mestras em Sergipe:** Teve como objetivo esse projeto de extensão reconhecer os mestres e mestras, fazedores e detentores dos saberes tradicionais e das culturas populares residentes em Sergipe com o objetivo de possibilitar trocas de saberes e conhecimentos entre a Universidade e esses agentes culturais como forma de criar condições propícias para garantir a esses grupos orientações e recomendações no sentido instrumentalizá-los para a participação de editais culturais, financiamentos, pesquisas e registros dos seus saberes e conhecimentos.

Todavia, foi na condição de bolsista no projeto de pesquisa “(Re)conhecendo o patrimônio cultural de Laranjeiras – Inventário Participativo”², que tinha como objetivo identificar o Patrimônio Cultural, Natural e Religioso de Laranjeiras, usando como fonte para essas identificações os moradores da cidade, que ampliei minha relação com a cidade, e seus processos de musealização. Essas trocas de conhecimentos me fizeram repensar as relações da Casa de Folclore Zé Candunga com a comunidade, uma vez que Laranjeiras se identifica como “Berço da Cultura Popular” e como “Capital de Cultura Popular”

A cidade de Laranjeiras (Figura 01) está situada na parte leste do Estado de Sergipe, no Nordeste brasileiro, localizando-se na zona litorânea, com influência de frentes oceânicas, estababilidade numa região repleta de morros e colinas, com o Rio Cotinguiba passando pelo seu Centro Histórico.

Figura 01: Foto da Cidade de Laranjeiras vista a partir da Igreja de Bom Jesus dos Navegantes



Fonte: Fabricio Alves. Disponível em <https://www.solutudo.com.br/se/aracaju/locais/cidade-de-laranjeiras/195>

É possível notar andando pelas suas ruas, a arquitetura provincial presente na cidade, tendo na época do seu apogeu, sido considerada um centro cultural, artístico e arquitetônico, além de abrigar vários grupos de culturas popular associado ao patrimônio

² **PIF9537-2020 - Itinerários de educação patrimonial em Laranjeiras:** que tinha como objetivo identificar o patrimônio cultural, natural e religioso de Laranjeiras; Auxiliar na elaboração de itinerários do patrimônio cultural em Laranjeiras; confeccionar materiais educativos em conjunto com professores, pesquisadores, representantes de grupos culturais e integrantes da comunidade.

imaterial que o município preserva em sua atualidade. As principais manifestações culturais são: os Lambe-Sujo e Caboclinhos, Tadeira, Batalhão, Chegança, Cacumbi, São Gonçalo, Reisado e Samba de Pareia. Mesmo Laranjeiras tendo sido tombada em razão do seu rico patrimônio de pedra e cal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN³, a sua riqueza imaterial transborda em todas festividades e no dia a dia da cidade, no processo em que a materialidade se encontra com a imaterialidade.

Assim, o rolê epistemológico surge em meu trabalho como um jogo de cintura necessário para a elaboração do mesmo, já que por meio das dificuldades e entraves, entendendo as ausências, irregularidades e a necessidade de atualização de narrativas na Casa do Folclore, que uso esse conceito cunhado por Luiz Rodrigues (2018):

A noção de rolê epistemológico inspira-se nas sabedorias da capoeira para propor ações de desvio e avanço. Imprime, nesse sentido, a lógica do jogo. Os rolês caçam tempos/espacos para a prática das virações, esquiva-se, rola-se de um lado para o outro, finge que vai, mas não vai e aí se dá o bote, certo, eis que o cruzo então acontece. O rolê é ao mesmo tempo o movimento de desvio, de fuga, de ganho de espaço e de montagem de estratégias para a operação de golpes. A lógica do jogo não presume a aniquilação do outro com que se joga, mas permite a sedução, o destronamento, o drible e o golpe. Se tentar me prender, eu giro; pronto escapuli, já estou do outro lado! Assim, o conceito encarna as manhas do jogo de corpo para praticar no campo dos conhecimentos outras virações que potencializem a prática das frestas (RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino, 2018, p. 79) ⁴

Diante do exposto, este artigo está dividido em três tópicos. No primeiro trago as metodologias trabalhadas, além de um debate conceitual entre as terminologias, “Folclore” e “Culturas Populares”, finalizando com os movimentos que permitiu a construção da Casa do Folclore. No segundo, são discutidas as novas concepções museológicas em contraponto a “Museologia Tradicional”, e o advento de uma “Nova

³ Processo IPHAN: 1288-T-89 de 18/06/1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20de%20Processos%20de%20Tombamento.pdf>. Acesso em: 07/11/2022.

⁴ RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino Pedagogia das Encruzilhadas. Periferia, vol. 10, núm. 1, pp. 71-88, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157593005/html/>. Acessado em: 10/11/2022.

Museologia”, através de discussões iniciadas a partir da Mesa Redonda de Santiago do Chile. Finalizando o terceiro tópico, com uma análise da Casa do Folclore, perpassando pelo seu surgimento de forma abrupta e refletindo sobre sua função social dentro de sua comunidade.

2. Percursos metodológicos e cruzos na construção cultural de Laranjeiras/SE.

Este artigo resultou de uma pesquisa desenvolvida a partir de uma análise do processo de musealização das Culturas Populares a partir da Casa de Folclore Zé Candunga com ênfase na função social da casa, buscando entender o porquê da ausência de problematização em sua exposição de longa duração e entendendo a sua relevância para o desenvolvimento cultural para a cidade de Laranjeiras.

Como percurso metodológico, sob forma de cruzos, recorri a uma análise crítica entre as relações existente entre o processo de musealização e suas relações com os conceitos de Culturas Populares a partir da experiência desenvolvida pela Casa de Folclore Zé Candunga, optando-se por utilizar uma pesquisa bibliográfica e documental voltada a compreender as interfaces estabelecidas entre a Casa de Folclore Zé Candunga e as manifestações populares presente na cidade, buscando identificar a conexão entre esse espaço de memória das Culturas Populares e a comunidade na qual ela está inserida

Por meio, de levantamentos de artigos, pesquisas e extensões pertinentes à Casa, notei uma carência de trabalhos que falassem sobre a conexão da Casa Do Folclore com a cidade, os Mestres e Mestras das Culturas Populares e que discorressem sobre as ações desenvolvidas pelo Departamento de Museologia da UFS, uma vez que a Casa se encontra num cenário em que pertence a uma localidade onde está situado o Campus Lar da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e o respectivo Departamento. Neste sentido, busquei entender como se deu o processo de construção, operacionalização e ações desse espaço de memória em Laranjeiras, por entender ser importante para enriquecimento de futuras pesquisas atreladas ao assunto.

Com o propósito de investigar a existência de ações desenvolvidas pelo Departamento de Museologia da UFS e a ambiência e ações executadas por essa Casa de Folclore, pesquisei quais seriam as ações de pesquisa, extensão e publicações a partir do site⁵ de publicações do Departamento de Museologia da UFS além disso fiz uma busca no repositório⁶ da UFS, com o objetivo de encontrar artigos, dissertações ou monografias sobre a Casa.

Por uma estratégia de melhor visualizar o espaço e sua respectiva atuação expográficas, foi empregado o uso de imagens como parte integrante do texto, facilitando o leitor uma melhor compreensão, tendo em vista que, o uso de imagens por muito tempo ocupou papel secundário nas pesquisas científicas, porém, o uso delas na sociedade contemporânea e em cumprimento de variadas funções, sendo elas, políticas, ideológicas ou religiosas, por entender que o uso da imagem não é suficiente para transmitir a interpretação necessária, por isso que em conexão com a metodologia da pesquisa qualitativa, possibilita compreender suas simbologias, significados e possibilidades e atualização informativa do estado atual em que se encontra a Casa de Folclore. Dito isso, o uso de uma abordagem de pesquisa qualitativa no contexto da investigação e o aumento do significado do fato e também pela pouquidade de trabalhos sobre o objeto de estudo, se mostra uma abordagem efetiva para um resultado proveitoso nesta pesquisa. Finalizando as perspectivas metodológicas em que esse artigo foi trabalhado, trago um diálogo conceitual sobre a reutilização e a preferências conceitual com o termo “Culturas Populares” em contra a expressão “Folclore” usada na Casa.

O uso dos termos encruzilhadas, cruzos e rolê epistemológico, se encaixa neste artigo com o objetivo de trabalhar numa perspectiva transgressora e indisciplinada, em que esses conceitos estão banhados, onde permite se discutir a Casa do Folclore, longe de terminologia colonizadoras e subjugantes.

Salienta-se que mesmo que o meu objeto de estudo tenha na sua nomenclatura “folclore” não trabalhei com esse termo, optei por trabalhar com o conceito de Culturas Populares. Uma vez que, a ideia de folclore foi assentada em concepções muitas das vezes

⁵ <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=219>. Acesso em 18/10/2021

⁶ <https://ri.ufs.br>

estereotipadas, principalmente em classes subalternizadas, como é reforçado pelo discurso de posse do Ex-Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em 2003⁷:

os vínculos entre o conceito erudito de *folclore* e a discriminação cultural são mais do que estreitos. São íntimos. *Folclore* é tudo aquilo que não se enquadrando, por sua antiguidade, no panorama da cultura de massa é produzido por gente inculta, como uma espécie de enclave simbólico, historicamente atrasado, no mundo atual. (2003).

Ou ainda como propõe ser entendida por (HALL, 2003, p.241), que,

(...) considera, em qualquer época, as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas; que estiveram incorporadas nas tradições e práticas populares. (...) o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante”

Mas que compreendida por (HALL, 2003, p.241), no contexto dos Estudos Culturais da América Latina, busquei tratar e entender o conceito, a partir da categoria epistêmica defendida por (CANCLINI, 2003, p. 207), ao defini-la no plural, dado as suas diversidades e especificidades.

Por isso, aplicamos no corpo deste artigo o conceito de “Culturas Populares” em oposição ao conceito de “Folclore”,

a aparição tardia dos estudos e das políticas relativos a culturas populares mostra que estas se tornaram visíveis há apenas algumas décadas. O caráter construído do popular é ainda mais claro quando recorremos a estratégias conceituais com que foi sendo formado e as suas relações com as diversas etapas da instauração da hegemonia. Na América Latina, o popular não é o mesmo quando é posto em cena pelos folcloristas e antropólogos para os museus (a partir dos anos 20 e 30), pelos comunicólogos para os meios massivos (desde os anos 50), e pelos sociólogos políticos para o Estado ou para os partidos e movimentos de oposição (desde os anos 70) (CANCLINI, 2003, p. 207).

⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Leia a íntegra do discurso de posse de Gilberto Gil. Poder. Folha Online. 02 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acessado em 12/09/2022

Assim, optamos por não submeter a sua compreensão e entendimento a partir de meras questões pautadas pelas análises sócioeconômicas de classe, conforme tratadas por Néstor García, para quem,

[...] o popular não pode ser definido com a nitidez pretendida pelas análises socioeconômicas de classe. Os componentes culturais híbridos presentes nas interações de classe impõem o reconhecimento do conflito e da importância da negociação (...) A negociação está instalada na subjetividade coletiva, na cultura cotidiana e política mais inconsciente. Seu caráter híbrido, que na América Latina vem da história de mestiçagens e sincretismos se acentuam nas sociedades contemporâneas pelas complexas interações entre o tradicional e moderno, o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico (CANCLINI, 1995, p. 238 e 239).

Neste sentido, o conceito de Culturas Populares aqui empreendido, parte da compreensão de entendê-las como sendo, “resultado de uma apropriação desigual do capital cultural, a elaboração específica de suas condições de vida e a interação conflituosa com os setores hegemônicos”. (CANCLINI, 1983, p.18), opondo-se, destarte, ao conceito de Folclore empreendido ao longo do final do século XIX e reformulado a partir da II Carta do Folclore de Fortaleza datada de 11 de novembro de 2017⁸.

Dito isso, no início da década de 1970, Laranjeiras se encontrava num estado de descontentamento e melancolia, diferente de sua realidade no século XIX em que era conhecida pela sua movimentada vida cultural na ocasião vindo a ganhar a alcunha de comprometido, apesar de ainda possuir um conjunto arquitetônico, com seus sobrados e igrejas que remetiam ao período provincial que mesmo estando em um estado de deterioração preocupante continuavam em pé, além de possuir o maior número de grupos culturais do Estado.

Pela extrema necessidade de repensar Laranjeiras, buscando por meio das suas edificações o retorno de outrora tempos áureos é que se idealiza, um plano de restauração, preservação e valorização do Patrimônio Histórico Cultural da cidade, estando assim inserida no Programa de Cidades Históricas do Nordeste, resultante do I e II Encontro de Governadores do Nordeste (1970/1971), sendo o primeiro realizado em Brasília e o segundo na cidade de Salvador:

⁸ IPHAN. II Carta de Fortaleza, 11 de novembro de 2017. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Fortaleza%201997.pdf>

Como ação resultante dos I e II Encontro de Governadores (1970/1971) e imbuído por esse conjunto de discursos sobre a perda, o governo de Sergipe tombou em 12 de março de 1971 o “Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico da cidade de Laranjeiras – construções urbanas de caráter civil, institucional, residencial e religioso dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.” Estimulada por essa movimentação, a cidade passa a abrigar novos espaços de cultura e memória. Em 1973, por exemplo, a casa em que nasceu o escritor João Ribeiro é tombada em âmbito estadual e nela se instala uma instituição cultural em 1974. Para além da restauração do patrimônio de pedra e cal, houve um somatório de esforços para a valorização das manifestações culturais e a criação de espaços de memória para atender às recomendações do PCH, do PAC e do Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste. Para isso, concorreram as contribuições de pensadores sergipanos vinculados à Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), sob a liderança e colaboração do pesquisador Bráulio do Nascimento. (Britto, Aguiar & Aguiar, 2019, p. 12)

E pensando além da pedra e cal, que foi pauta no I e II Encontro dos Governadores, surgiu uma necessidade de pensar uma política pública de revitalização para a cidade através das suas imaterialidades, por possuírem uma grande diversidade de manifestações culturais, que enriquecem culturalmente não só, a cidade, o estado mais a região, além de possuir um enorme potencial turístico, como é citado pela antropóloga Beatriz Gois Dantas.

O potencial da cidade logo foi percebido pelas lideranças políticas das três esferas de poder. O Governo Estadual, a Prefeitura, a UFS e a Escola Técnica se juntaram para elaborar um Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural de Laranjeiras (Sergipe, 1972). Como representante da Universidade, fiz parte da comissão que elaborou esse documento no qual, entre outras medidas, se sugeria a criação de um festival folclórico na época da Festa de São Benedito. A Empresa Sergipana de Turismo (EMSETUR), criada em 1972, voltou os olhos para a cidade e algumas ações passaram a ser desenvolvidas. (DANTAS, 2015, p. 102).

A partir das ideias trazidas nesse plano, se desenvolve uma quermesse⁹ que tinha como objetivo angariar fundos na intenção de ajudar a população mais necessitada da cidade e a partir desta quermesse que surge o Encontro Cultural de Laranjeiras¹⁰, entre

⁹ “talvez fosse o DNA ou o começo do que seria depois o Encontro Cultural de Laranjeiras” (ALENCAR, 2015, apud CRUZ, 2015, P. 70). Trecho retirado da entrevista concedida pela prof. Aglaé Fontes D’Avila à dissertação de Mestrado em antropologia da aluna Jackeline Fernandes da Cruz.

¹⁰ O Encontro Cultural acontece todos os anos, desde 1975, sempre realizado no início do ano, em Laranjeiras, cidade reconhecida nacionalmente por seus grupos folclóricos, seu conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico. São 47 anos de história e tradição cultural que perpassam gerações e tornam este um dos maiores encontros artístico-culturais do país. A celebração acontece em razão das festividades associadas ao Dia de Reis. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/47a-encontro-cultural-de-laranjeiras-destaca-tradicoes-populares/>. Acesso em 11/11/2022

os dias 20 e 28 de maio de 1976, tendo como temática inicial o “Folclore” com o intuito de proporcionar a valorização, preservação e gerar pesquisas. Como consequência, o Encontro Cultural conseguiu revitalizar e reconstruir o pertencimento de ser laranjeirense, além de valorizar as Culturas Populares, através de debates e interações com os envolvidos e a comunidade, saindo do eixo academicista de propagação dos conhecimentos centralizados no ambiente acadêmico.

Podemos avaliar, como uma tardia forma de ampliação dessa valorização cultural, que no ano de 2005 foi pensado um projeto de construção de um espaço para dialogar e servir como uma porta de entrada para que os visitantes pudessem conhecer um pouco da riqueza cultural popular laranjeirense.

“No ano de 2005, na gestão do Prefeito Sr. Paulo Hangenbeck (2002-2005) foi constituída uma comissão pela Secretaria Municipal de Cultura de Laranjeiras com o objetivo de criar um espaço museológico que tratasse da temática do folclore nesta cidade, dessa forma surgiu a Casa de Folclore Zé Candunga.

Integrou –se a comissão o professor Eraldo Santos (então, Secretário de Cultura), a professora Isaura Julia de Oliveira Ramos, (então diretora do Museu Afro Brasileiro de Sergipe) e Nam Almeida, (funcionária da Secretária), que assumiu posteriormente a direção da nova instituição que foi patrocinada pela empresa Petrobrás/ FAFEN” (SOUZA, 2012, p.1).

A importância por trás da construção da Casa é o surgimento de um espaço em que propiciasse a valorização e a visibilidade aos Mestres e Mestras das Culturas Populares e também às Manifestações Culturais através dos seus objetos expostos, mantendo assim, sempre em evidência, os Grupos, Mestres e Mestras, independente de um período festivo/celebrativo específico.

3. O lugar do Museu na sociedade ou a Museologia Social nas encruzilhadas das memórias e das narrativas – um rolê epistêmico.

A partir das décadas de 1960/70, na França, começa a questionar o lugar dos museus na sociedade, já que na chamada Museologia Tradicional “ou clássica” se ausentava o autoquestionamento ou autocrítica sobre os fundamentos sociais e políticos do museu.

Nesses pensamentos sobre a transformação desses museus, se salientavam dois pontos, como apontados pela Antropóloga Alice Duarte: “1) o projeto e o ideal político da democratização cultural com a ajuda do museu. e 2) a eleição do museu e suas práticas como campo de reflexão teórica e epistemológica.” (DUARTE, 2013, p. 100)¹¹.

Durante essas décadas foram pensadas várias formas de atribuir esses dois pontos aos museus, e é através desta busca que em 1971 fora cunhado dentro da vertente da “Nova Museologia” o termo “ecomuseu”, pelo então Diretor do Icom, Hugues de Varine-Bohan, como forma de democratização do acesso ao museus pelo público que por intermédio dos “ecomuseus” participariam como autores das narrativas históricas que serão reproduzidas nos lugares de memórias e espaços museais, reforçando o pertencimento da comunidade. No segundo ponto, pretendia-se transformar o próprio museu como objeto de estudo, reavaliando representações, o caráter e significado dos seus acervos e também a própria natureza, missão e o seu lugar na sociedade.

Discutido isso, e com os debates iniciados no início da década de 1970, começam a se pensar novos significados para a Museologia, significados esses que estejam correlacionados com o próprio desenvolvimento da sociedade, fazendo assim se pensar uma Museologia que reflita sobre a sua realidade e a do seu meio.

A partir das discussões na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972¹² em consonância com as discussões ocorridas na Declaração de Quebec¹³ em 1984 e da Declaração de Caracas (1992)¹⁴, se ajustam e reafirmam a importância da função social do museu. Um dos objetivos dessa “Nova Museologia”, é de se pensar o museu como agente de mudança social, de revitalização e de preservação da comunidade em que está inserido.

¹¹ DUARTE, Alice. "Nova Museologia: Os Pontapés de Saída de uma Abordagem Ainda Inovadora". 6 2 (2013): 99-117

¹²A mesa redonda de Santiago do Chile, ocorreu em 31 de maio de 1972, em que uma de suas principais resoluções foi a definição e a proposição de um novo conceito de ação de museus o: museu integral

¹³ Princípios de base de uma nova museologia. Nesse documento estão registrados os princípios que devem orientar as ações para uma nova museologia adotada pelos modelos alternativos de museus que surgiam em diferentes países: os ecomuseus, os museus comunitários, etc.

¹⁴ Propõe que o museu assuma a sua responsabilidade como gestor social, através de propostas museológicas que reflitam os interesses da comunidade e utilizem uma linguagem comprometida com a realidade, sendo esta é a única forma de transformá-la.

Advindo disso, a Museologia Social surgiu como uma necessidade de atualizar a tradicional relação existente entre os museus e os seus objetos, uma Museologia em que a centralidade dos problemas sociais, fossem eles territorialmente ou tematicamente vistos como pontos centrais na funcionalidade social destes museus.

Mário Moutinho (1993) sintetiza esse pensamento no seu artigo “Sobre o conceito de Museologia Social” em que além de conceituar essa nova forma de se pensar e operacionalizar a Museologia, trouxe pensamentos sobre a funcionalidade desses Museus em discutir o seu contexto social: “A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida tem provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.” (MOUTINHO, Mário, 1993).

E é nessa Museologia Social que se foca menos no objeto musealizado e mais nas suas relações com a sociedade, que buscou-se discutir, problematizar, criando compromissos com as mazelas sociais e retirando do museu a sua “neutralidade”, demonstrando assim, um compromisso ético e moral a favor das comunidades populares, movimentos sociais, indígenas e quilombolas. Como é salientado pelo autor Atila Tolentino (2016):

“Para a museologia social, nas funções básicas de um museu, como preservar, pesquisar e comunicar, que devem ser executadas de forma participativa, os sujeitos sociais são a preocupação primeira, bem como os problemas sociais, econômicos, políticos e ambientais enfrentados pelas comunidades, com vistas à luta e à busca por seu desenvolvimento sociocultural. Isso representa o que os militantes da museologia social chamam a “função social” dos museus” (TOLENTINO, 2016, p. 32).

Antecedendo os debates da construção de uma “Nova Museologia”, porém vindo a ter forças na década de 1980, há a introdução da “musealização” pelo Museólogo Tcheco Zybnek Stránsky (1926 - 2016) e o Wilhelm Ennenbach, enquanto os mesmos tentavam estruturar uma nova perspectiva museológica do ponto de vista teórico-conceitual. Para este autor, “musealização” seria a aquisição de qualidade museal ou aquilo que condiciona a musealidade e a não musealidade das coisas”. De acordo com

BRULON (2017), “musealidade são as qualidades e os valores atribuídos aos objetos museológicos” é através de métodos técnicos que os objetos adquirem essa musealidade, Já para Marília Xavier Cury, o processo percorre um itinerário pautado na,

Aquisição, pesquisa, conservação, documentação e compreensão. O processo inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo (CURY, 2005, p.26)

A necessidade de se entender se é possível a musealização de algo que seja imaterial é entender que a “musealização” não só ocorre pelo motivo do objeto estar no museu, como é o exemplo de várias representações das Culturas Populares presente em Laranjeiras, como sugerido por Cury: “seleção (de objetos) por valorização ou a valorização desses objetos. Esta valorização poderá ocorrer com a transferência do objeto de seu contexto para o contexto dos museus ou, ainda, a sua valorização ‘in situ’[...]” (CURY, 1999, p. 52)¹⁵, em que os grupos culturais se apresentam na rua e com o contato da comunidade nas suas apresentações. É notável que Laranjeiras possui um processo de musealização que acontece por uma via de comunicação popular. Através dessa musealização do imaterial tornou-se possível construir narrativas e instituições que puderam dar voz a setores populares e fugir de certas terminologias eurocêntricas colonizadoras.

Nesse ponto, destacam-se que, as Culturas Populares inseridas em um contexto de oposição à Cultura Erudita, sendo caracterizada como uma Cultura que engloba manifestações, que se centra no tradicionalismo e experiência do seu povo, além de conservar práticas culturais, se transformando num importante terreno de luta e povos que através de suas danças, cantos, ritos e seus identitários sociais, resistem em frente às adversidades políticas, econômicas e ideológicas, como referenciado pelo o autor Pedro Abib,

O essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a “cultura popular” em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma definição de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das

¹⁵ CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu. In: VIII Encontro Regional do ICOFOM LAM: Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe. Coro, Venezuela, 1999, p. 50-55.

formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Observa o processo pelo qual as relações de domínio e subordinação são articuladas. Trata-se de um processo pelo qual algumas coisas são ativamente preferidas para que outras possam ser destronadas (Hall, 2009, p. 241 apud Abib, 2019, p.5)¹⁶.

Assim, o reconhecimento dos museus e de suas exposições é visto como instrumento de emissão de discursos, narrativas e sentidos, como uma ferramenta que age em prol do desenvolvimento da sua comunidade, fugindo da neutralidade que outrora encontrada nesses lugares, partindo do processo de musealização das Culturas Populares, através de materialidades (objetos e coleções), com o objetivo de ressignificá-lo, adquirindo e utilizando novos sentidos e interpretações, entendendo a própria civilização como produtora das suas próprias narrativas (extroversão).

4. Casa de Folclore Zé Candunga: Um cruzo e um rolê epistemológico entre o Folclore e o Popular ou uma Casa de Memória das “coisas atuais” com práticas “antigas” – potências das encruzilhadas.

A Casa de Folclore Zé Candunga foi constituída no ano de 2005, através de uma comissão efetivada pela Secretaria Municipal de Cultura de Laranjeiras, com o objetivo de criar um espaço museológico que tratasse da temática do folclore na cidade e dos fazedores das Culturas.

De acordo com Souza (2012), a elaboração da Casa foi feita de forma abrupta a fim de não perder a verba que estava destinada. Por meios de não perder a verba que estava destinada, acarretou em falta de legalidades extremamente necessárias para a abertura de uma instituição de memória; a Casa de Folclore não ter uma documentação legal com o ato de criação e o estatuto ou regimento, possuindo simplesmente como documentos o livro de assinatura dos visitantes e de alguns objetos museológicos.

¹⁶ ABIB, P.R.J. Culturas Populares, Educação e Descolonização. In: Revista Educação em Questão, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18279>. Acesso em 19 de outubro de 2021.

Nota-se que a partir da falta dessas documentações, que são primordiais para a criação de uma instituição, seja de qual âmbito for, a Casa de Folclore Zé Candunga se ausenta de sua responsabilidade como instituição museal, não conseguindo ter um objetivo claro. Sobre as problemáticas presentes na falta dessas licitudes, Souza comenta:

No tocante a documentação legal da criação da Casa, como o estatuto do Museu, seu ato de criação e seu regimento esses não existem a falta desses documentos prejudicam o processo de captação de recursos para a manutenção da instituição, e é por falta de recursos financeiros e da necessidade de um quadro funcional de profissionais capacitados que a Casa do Folclore Zé Candunga se encontra em estado crítico, ou seja, a maior parte de seu acervo foi perdida, outros objetos que representam as manifestações culturais locais estão em péssimo estado de conservação, devido ao suporte material do objeto que é muito frágil, pois muitos desses são confeccionados em papel, tecido e também pela inadequação das embalagens para o acondicionamento do acervo. Todos esses fatores são favoráveis para o seu desgaste e a sua degradação. (SOUZA, 2012, p. 3)

Na busca do que estaria exposto no museu, a comunidade neste momento teve uma grande participação na construção desse acervo proporcionando doações de diversos itens, sem empregar nenhuma forma de filtro para essas doações, só depois desse momento de doações que foi passado por um filtro em identificar quais seriam os objetos expostos sendo eles: os adereços, vestimentas e instrumentos dos grupos das Culturas Populares.

Porém, isso muito se reflete em seu espaço, o que dificulta a entender a sua exposição, ora servindo de depósito de bens doados pela comunidade, já que com a falta de um plano museológico, muito dos passos que deveriam seguir para elaboração da exposição fica em falta. Como consequência, se constrói algo meramente passivo. Todavia, convém destacar que um dos momentos em que a casa é celebrada é o período do Encontro Cultural, porém servindo como apenas um lugar de visitação.

A Casa de Folclore Zé Candunga recebeu esse nome em homenagem ao Senhor José Borges Lacerda, mais conhecido como Zé Candunga (Figura 02). Que obteve essa homenagem como forma de agradecimento por representar a cultura de Laranjeiras. Zé Candunga foi o chefe do grupo folclórico Chegança Almirante Tamandaré, chefiou o Lambe Sujo, era rezador, candomblecista, assim se tornando uma amálgama destes vários movimentos culturais.

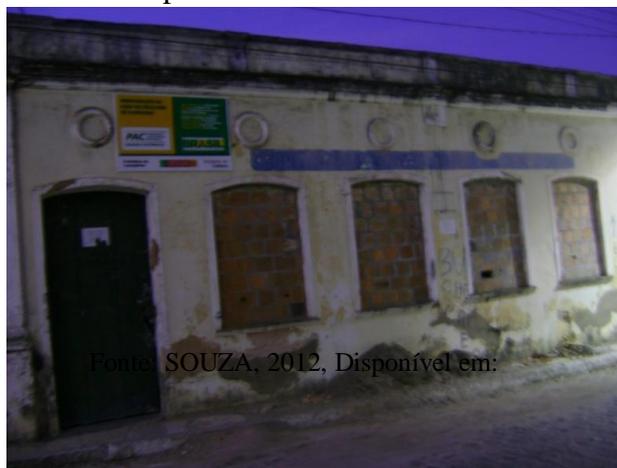
Figura 02: Foto do Zé Candunga



Fonte: Autor ,2022

A Casa do Folclore Zé Candunga, na sua fundação, foi instituída em uma das salas da Secretaria Municipal de Cultura, localizada na Rua José do Prado Franco (Figura 03).

Figura 03 – Fachada da primeira sede da Casa de Folclore Zé Candunga



Fonte: SOUZA, 2012, Disponível em:

Fonte: Allyne Francine Souza, 2012.

Ainda segundo (SOUZA, 2012, p. 4-5), a degradação do bem edificado e sua respectiva restauração e requalificação, concorreram de forma impactante que culminaram em sua transferência para uma nova localização,

Devido a problemas físicos e esse prédio passando pelo processo de restauração advindo do Projeto Monumenta, se tornou necessário a mudança do acervo para outra localidade, passando por duas sedes temporárias, a primeira localizada Rua Coronel de Freitas, nº 49 (conhecido como Beco do ZINHAINHA) onde permaneceu por cerca de quatro anos. No ano de 2010, é transferida para um (...) prédio que funcionava o Fórum Levino Cruz, localizado à Rua Tobias Barreto, permanecendo até os dias atuais.

Em sua segunda localidade na Travessa Coronel de Freitas nº 49, na cidade de Laranjeiras/SE (Figura 04).

Figura 04: Fachada em que funcionou a segunda sede da Casa do Folclore Zé Candunga



Fonte: Isto é Sergipe. Disponível em: <http://istoiesergipe.blogspot.com/2015/12/casa-de-folclore-ze-candunga.html>. Acesso em: 10/11/2022

A Casa foi composta por duas salas de exposições de longa duração (Figura 05 e Figura 06), uma sala para exposições temporárias e uma para a realização de atividades e eventos ligados à temática do folclore, onde ocorrem ações educativas e culturais promovidos pela instituição ou em parceria com o Campus Lar. A sala temporária promovia exposições referentes ao calendário das manifestações culturais e festivas da cidade.

Figura 05: Sala de Exposição de Longa Duração



Fonte: Isto é Sergipe. Disponível em: <http://istoessergipe.blogspot.com/2015/12/casa-de-folclore-ze-candunga.html>. Acesso em: 10/11/2022.

Figura 06: Sala de Exposição de longa duração



Fonte: Isto é Sergipe. Disponível em: <http://istoessergipe.blogspot.com/2015/12/casa-de-folclore-ze-candunga.html>. Acesso em: 10/11/2022.

A sala temporária promovia exposições referentes ao calendário das manifestações culturais e festivas da cidade, nas salas expositivas de longa duração era possível conhecer na galeria dos mestres e brincantes, parte de suas trajetórias de vida, objetos que fazem parte das festas populares e das manifestações, indumentárias, objetos musicais, materiais fotográficos e documentos dos diversos grupos culturais presentes na cidade.

No ano de 2012, por questões estruturais na segunda Casa foi necessário fazer mais uma mudança na localidade, transferindo-se para a Rua. Tobias Barreto, 269 – 285, Laranjeiras/SE, porém a Casa do Folclore ficou alguns meses em reforma, vindo a ser reinaugurada em 2014 num projeto do Iphan em parceria com o Município onde se

encontra nos tempos atuais, em um dos pavimentos térreos (Figura 07). A atual exposição de longa duração da Casa do Folclore não destoa da sua construção expositiva inicial, se até a mostrar as materialidades dos seus grupos culturais, através de seus trajes, objetos tridimensionais, honrarias e textos biográficos sobre alguns Mestres e Mestras do município de Laranjeiras, tendo mudado apenas os itens expostos, onde não se discute o que ocorreu com os outros objetos expostos.

Figura 07: Fachada da Casa do Folclore Zé Candunga



Fonte: Autor, 2022.

Um dos agravantes nessa construção inicial da Casa e que se perpetua na atualidade é a falta do plano museológico¹⁷, junto com a falta de um museólogo presente na Casa do Folclore, o que ocasiona problemas na sua gestão, seus objetivos, sua visão de futuro e sua missão, impactando diretamente sobre seus acervos, coleções e a própria exposição de longa duração até atualidade, com a ausência do Plano Museológico a Casa do Folclore fica sem saber qual é o seu objetivo perante a sua comunidade, sendo o plano a base para fortalecer e reafirmar a importância do museu em todos os seus aspectos, já que é por ele que se passa toda a elaboração de um museu, seja eles as partes técnicas,

¹⁷ Trata-se de uma ferramenta de planejamento estratégico, que compreende os níveis estratégico, tático e operacional, iniciada pelo planejamento conceitual por meio da definição da missão, visão, valores, objetivos e diagnóstico da instituição e que alinha os seus programas, projetos e ações, de forma global e integrada. Disponível em: www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/planos-museologicos-orientacoes-para-os-museus. Acesso em 28 out, 2022.

administrativas e espaços expositivos, servindo assim para estabelecer sua visão, direção e os seus caminhos.

É importante ressaltar que, grande parte do acervo da Casa do Folclore foi constituída por doações advindas da própria comunidade. Estabelece nesse acervo: indumentárias dos grupos culturais, material fotográfico sobre os Mestres e Mestras, textos sobre a história de cada grupo cultural, objetos pertencentes a pessoas que são de alguma manifestação cultural.

Todavia, isso traz uma problemática em questões expográficas: o que expor já que o acervo possui um quantitativo alto de objetos sendo doado pela comunidade e sem um objetivo expositivo definido no museu, o resultado é uma exposição de passividade, baseada em uma tradicionalidade expositiva que não se conecta com o caráter de nenhum grupo ou manifestação cultural em que está a todo momento em embates, sejam eles pelos direitos dos mestres, levantamento de fundos ou como manter os seus saberes e fazeres e impactando nos silenciamentos e indiferenças sobre a fragilização da força dos festejos, em um cenário em que existem tantas possibilidades adversas.

No presente momento, a sala em que se encontra a exposição de Longa Duração da Casa do Folclore Zé Candunga localiza-se na entrada do prédio (Figura 08), dispondo apenas de uma sala de longa duração, diferenciando do seu projeto expositivo na sua segunda localidade, com duas salas de longa duração, nessa exposição os objetos expostos estão em melhores condições expositivas, já que possuem agora uma documentação, catalogação de quem doou, além de fichas de apoio, o que não podia ser encontrado no seu segundo espaço, onde tinham objetos, vestimentas, quadros e diversos outros itens jogados pela a dependência, na Casa atual, os objetos estão ordenados, catalogados e seguindo procedimentos técnicos em sua exposição.

Figura 08: Sala de Exposição de Longa Duração



Fonte: Autor, 2022.

Onde se encontram manequins usando trajes dos grupos culturais presente na cidade, além de possuir um mosaico cultural (Figura 09), com informações sobre mestres e mestras da cidade, em seus expositores possuem vestimentas, honrarias recebidas e objetos pertencentes aos grupos folclórico das Taieiras, da Chegança e do Reisado.

Figura 09 – Mosaico Cultural



Fonte: Autor, 2022.

Assim, observo um problema de como se forma essa exposição, já que seria importante por se identificar como Casa do Folclore, ter como um dos seus objetivos

principais a construção de narrativas em que se explore a imaterialidade presente nesses grupos culturais, além de explorar essa imaterialidade também refletir sobre as dificuldades em que esses grupos culturais se encontram, como o que é exposto é um acervo que reflete as manifestações culturais presentes no município de Laranjeiras, a exposição não explora essa potencialidade cultural, se atendo apenas as visões tradicionais da Museologia.

Através de conversas informais com o servidor lotado da Casa de Folclore Zé Candunga, obtive informações sobre a desativação da sala de exposições temporárias (Figura 10), onde se encontra nos dias de hoje, servindo como um pequeno assentamento de vestimentas, sem nenhuma especificidade temática exclusiva.

A exposição referente aos Lambe-Sujo e Caboclinhos¹⁸, que se encontra na “sala de exposição temporária” não possui uma atualização em suas exposições temporárias, permanecendo a do Lambe-Sujo e Caboclinhos independente de qual período festivo esteja acontecendo na cidade. Mesmo que tenha a relação da proximidade com o evento que ocorre no segundo domingo do mês de outubro¹⁹. Não foi algo construído para imediatidade do evento em questão, trata-se de um espaço em que os objetos e vestimentas já estavam lá, servindo como um depósito dos mesmos.

¹⁸ O folguedo é a representação da batalha de dois grupos: de um lado os Lambe Sujos, que representam os escravos e do outro os Caboclinhos, representando os índios. Com personagens bem divididos, os grupos simulam a luta para resgatar a princesa que foi raptada pelos negros.

Disponível em: <https://al.se.leg.br/manifestacoes-culturais-de-sergipe-lambe-sujo/> Acesso em 28 out, 2022.

¹⁹ O referido evento dos Lambe Sujo e Caboclinhos, que acontece anualmente no mês de outubro.

Figura 10: Sala de exposição temporária



Fonte: Autor, 2022.

O que é visto da exposição de longa duração e temporária encontrada na Casa do Folclore, é uma passividade em que se dialoga com a festividade por ter objetos expostos fazendo referência ao evento, porém se abstém da sua função social e crítica, não conseguindo, dessa forma, desenvolver uma formação de sensibilização e consciência em sua comunidade; apenas permanecendo na visão tradicional da Museologia da contemplação e passividade.

Não trago aqui uma análise técnica do acervo e da exposição que se encontra no museu, porém, se pensar na função social da Casa do Folclore e como não participa do desenvolvimento social da sua comunidade, desenvolvimento esse aqui empreendido e entendido a partir da conceituação apresentada na Declaração de Santiago (1972):

(...) o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; [...] (ICOM, 1972)

Já que através dessa Declaração o museu se torna um fomentador do desenvolvimento social, algo que pode ser transmitido por meio de atividades pedagógicas e educacionais, proporcionadas diretamente pela própria instituição ou em correlação com a Universidade Federal de Sergipe (Campus Lar),

Na busca das reciprocidades entre a Casa e o Campus Lar, analisei as ações extensionistas e de pesquisas que tenham sido realizadas a partir da Casa do Folclore. Através dessas pesquisas percebi poucos trabalhos em que se questionasse a função social da casa, ou o seu desenvolvimento com a sua comunidade, grande parte dos trabalhos encontrado que não foram muitos, importante pontuar, tinha um foco em ações educativas²⁰ ou nos métodos e práticas tradicionais num museu como, a conservação, higienização, etc. Onde a partir disso traz uma problemática ou uma visão única da forma em que se constrói o acervo da Casa, permanecendo num espécime de conforto narrativo em sua exposição.

5. Considerações Finais ou Revisitando os Cruzos Iniciais para não concluir

O presente artigo analisou de que forma surgiu a Casa de Folclore Zé Candunga, seus objetivos e problemáticas encontradas, identificando a necessidade dos processos de musealização para a contribuição da salvaguarda desses lugares de saberes, fazeres e de memórias, assim percebendo que as narrativas apresentadas na atualidade da casa não dialogam com as novas perspectivas de se pensar lugares de museu, se ausentando de discutir e não trazendo um retorno para a sua comunidade. Através de conceitos como da Museologia Social e da Carta de Santiago do Chile (1972) em que atualizam as concepções e percepções da função social dos museus ou espaços de memória, transformando o museu como espaço de diálogo, reflexão e não mais de figurante e sim como protagonista dos embates acerca da desigualdade sociais ao contexto em que se insere.

²⁰ PJ218-2018. Brincando com o patrimônio sergipano: a Casa de Folclore Zé Candunga
PJ089-2016. Brincando com o patrimônio sergipano: a Casa de Folclore Zé Candunga

Entendendo os diversos tipos de instituições museais, e pensando além de seu caráter institucional que são essenciais aos museus, é necessário entender o museu e reafirmá-lo como um espaço de provocações, enfrentamentos, descobrimentos e de reposicionamento de sujeitos há muito tempo subalternizados.

A necessidade de se pensar um museu ou ambiente museal na perspectiva da Museologia Social é a busca por visibilidades desses grupos culturais historicamente inferiorizados em detrimento ao modelo hegemônico colonial de cultura européia, servindo como uma concepção interessante na compreensão de temas emergentes e também potencializando memórias e narrativas de Culturas Populares encontrando uma correlação entre o espaço museal e os atores sociais da comunidade.

Dito isso, Laranjeiras é uma cidade igualmente rica tanto em sua materialidade histórica como na imaterialidade. Quando é colocado nessa posição de riqueza cultural é necessário refletir de que forma irá trabalhar seus espaços edificados, e por quais perspectivas esses lugares de memórias, museus e etc, irão ser trabalhados.

Na busca pela junção do material e imaterial é que surge espaços como a Casa de Folclore Zé Candunga, em que na sua exposição buscou trazer apenas contemplação e práticas que não se atualizam com a contemporaneidade, se ausentando em discutir o inerte terreno de luta em que as Culturas Populares vivem, sejam elas por fatores financeiros, preterimento dos grupos em frente a cultura hegemônica, e as tensões e antagonismos presentes nas Culturas Populares.

Portanto, se torna urgente a necessidade de legalizar a gestão da Casa do Folclore através do Plano Museológico e fazer valer os conhecimentos técnicos de procedimentos peculiares da museologia aplicada (documentação, higienização e conservação preventiva; técnicas expositivas, comunicação museológica), bem como a aplicação teórica-conceitual da Museologia na contemporaneidade e os respectivos usos de linguagens de museus, além de ações pautadas em práticas educativas.

Posto isso, a Casa do Folclore possui uma importância e potencialidade possível através da sua relação com o desenvolvimento social local, empoderamento das manifestações Culturais e seus respectivos Mestres e Mestras na atualidade, projetando

visibilidade cultural na perspectiva de estabelecer coerência entre aquele espaço de memória e a forma como o município se apresenta ao estado, a região, ao país e os visitantes estrangeiros, ao usar como estratégia de marketing e turismo a comunicação de “Capital da Cultura Popular”, condicionando na pertença do lugar e de sua gente.

Nesta perspectiva, as encruzilhadas estão amplamente abertas para novos cruzos museológicos que concorrerão para a produção de outras leituras possíveis para além da visão maniqueísta e salvacionista operacionalizada pela colonialidade do saber, ou como propõe Luiz Rufino Rodrigues Junior (2018), ao pensar e conceituar encruzilhada em oposição ao conceito grego de aporia,

A encruzilhada aponta para múltiplos caminhos, afinal, a noção de caminho assentada no signo Exu se compreende enquanto possibilidade, e não como certeza. Dessa forma, a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos, é logo uma perspectiva pluriversalista (Ramos, 2008). Em sua potência, diferentemente do que é praticado pela lógica ocidental, um caminho não se torna credível em detrimento de outros. A encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber. (JUNIOR, 2018, p. 78).

Que novos rolês epistemológicos e novos cruzos a partir da Casa do Folclore Zé Candunga propiciem novas possibilidades, rompendo com interdição e a descredibilização da diversidade, tão peculiares da ciência eurocentrada e na museologia que já não mais cabe em nós e nem nos estudos culturais com ênfase nas Culturas Populares.

Referências

ABIB, P.R.J. Culturas Populares, Educação e Descolonização. In: Revista Educação em Questão, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18279>. Acessado em: 19/10/2021.

BRITTO, C. C., Aguiar, F. J. F., & Aguiar, J. C. T. M. de. (2019). Encruzilhadas museológicas: ressonâncias da presença/ausência de Exu no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 27, 12-13. Disponível em: Acessado em: 20/11/2021.

BRULON, Bruno. Provocando a museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. Anais do Museu Paulista, São Paulo: Museu Paulista, v. 25, n. 1, 2017, p. 403-425. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0114>. Acessado em: 14/10/2021.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. Consumidores e Cidadãos- Conflitos Multiculturais da Globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

_____. As Culturas Populares no Capitalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

CORRÊA, G.C.G.; CAMPOS, I.C.P.; ALMAGRO, R.C. Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol 2, n 1, jan./abr. 2018, p 62-72.

CRUZ, Jackeline Fernandes da. Um estudo sobre as práticas intelectuais no Encontro Cultural de Laranjeiras - SE. 2015. Dissertação (Mestre em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, [S. l.], 2015.

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 129–146, 2020. DOI: 10.26512/museologia.v9i17.29480. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29480>. Acessado em: 18/11/2021.

_____. Museu, filho de Orfeu. In: VIII Encontro Regional do ICOFOM LAM: Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe. Coro, Venezuela, 1999, p. 50-55.

DANTAS, Beatriz Góis. O encontro cultural de Laranjeiras segunda uma observadora participante. *Revista Geonordeste*, São Cristóvão, Ano XXVI, n 2, p. 100-114, ago./dez. 2015.

DECLARAÇÃO DE QUEBEC. Princípios de base de uma Nova Museologia (1984), Versão eletrônica consultada a 07.11.2022, em <http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/quebec.htm>

DUARTE, Alice. "Nova Museologia: Os Pontapés de Saída de uma Abordagem Ainda Inovadora". 6 2 (2013): 99-117.

F5NEWS. Laranjeiras Abre Festividades Culturais em Sergipe em 2012. **F5news**, Aracaju, 23 de dez. 2011. Disponível em: https://www.f5news.com.br/entretenimento/laranjeiras-abre-festividades-culturais-em-sergipe-em-2012_2356/. Acesso em 09/11/2022.

FOLHA DE SÃO PAULO. Leia a íntegra do discurso de posse de Gilberto Gil. Poder. Folha Online. 02 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acessado em 12/09/2022

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ICOM (1972), Declaração de Santiago de Chile. Disponível em: http://www.revistamuseu.com.br/legislacao/museologia/mesa_chile.htm. Acessado em 07 /11/2022.

MOUTINHO, M. C. Sobre o Conceito de Museologia Social. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 1, n. 1, 11.1993. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/467>. Acessado em 16 /10/2021.

MOURA, Jissely Da Silva. *Morar no Centro Histórico de Laranjeiras (SE): Investigação da Inter-Relação Pessoa Ambiente*. 2018. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal de Sergipe. 2018

REVISTA MUSEÁLIA. *Revista de Cultura e Museus*. Publicação do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <https://ecomuseus.wordpress.com/processos-de-gestao-museologica-participada/musealia-participativa/>. Acessado em 12/11/2021.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino *Pedagogia das Encruzilhadas*. Periferia, vol. 10, núm. 1, pp. 71-88, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157593005/html/>. Acessado em: 10/11/2022.

SAMPAIO, Alice Barboza. *Patrimônio Imaterial e Musealização na América Latina*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS, Fabrícia. de O. Fundamentos de História do Brasil e de Sergipe e a Museologia: “exercícios do olhar” sobre heranças patrimoniais na cidade de Laranjeiras. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas; SILVA, Eder Donizeti da. (Org.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: a Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. 1 ed. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009.

SOUZA, Allyne Francine. Casa do Folclore Zé Candunga: um acervo a conservar. 2012. Disponível em <https://sites.google.com/site/revistamuseitec/edicoes-anteriores/casa-dofolclore-z-candunga>. Acesso em 15 de novembro de 2021.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. O objeto da Museologia. In: BRULON, Bruno; BARAÇAL, Anaildo Bernardo (Org.). *Stránský: uma ponte Brno – Brasil*. Paris: Icofom, 2017, p. 18-27.

TOLENTINO, Atila. Museologia Social: apontamentos históricos e conceituais. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 52, p. 21-44, 2016.

INFONET. 47^a Encontro Cultural de Laranjeiras destaca tradições populares. **Infonet**, Aracaju, 3 de jan. 2022. Disponível em <https://infonet.com.br/noticias/cultura/47a-encontro-cultural-de-laranjeiras-destaca-tradicoes-populares/>. Acesso em 11/11/2022